



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

CPI - FUNAI E INCRA			
EVENTO: Reunião Reservada	REUNIÃO Nº: 0133R/16	DATA: 07/03/2016	
LOCAL: Estado de Santa Catarina	INÍCIO: 18h08min	TÉRMINO: 19h38min	PÁGINAS: 33

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

RODINEI ESCOBAR XAVIER CANDEIA - Procurador do Estado do Rio Grande do Sul, requisitado pela CPI.  
FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados.  
LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados.  
ELISEU GARCIA - Cacique caingangue.  
ALÍPIO LOPES - Indígena da comunidade caingangue.

SUMÁRIO

Tomada de depoimento.

OBSERVAÇÕES

Houve exposição em caingangue.  
Houve intervenções simultâneas ininteligíveis.





**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Primeiramente, o senhor sabe — e para que todo mundo saiba também — que lá na Câmara dos Deputados, em Brasília, foi instaurada uma CPI para apurar as condições da gestão da FUNAI, da gestão do INCRA, sobre esses problemas que têm acontecido no País todo em relação aos conflitos envolvendo comunidades indígenas.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Rodinei, com licença, só para esclarecer para eles, CPI significa Comissão Parlamentar de Inquérito. Ela é constituída por Deputados, no caso da Câmara dos Deputados, e por Senadores, quando acontece no Senado, para apurar coisas que digam respeito a problemas do Brasil.

Nesse caso específico, agora, foi criada uma CPI, ou seja, uma Comissão Parlamentar de Inquérito, para apurar problemas relativos à FUNAI, no que diz respeito aos cuidados com os índios e uma série de outros problemas que estão acontecendo por aí. Certo? Mas quem menos é ouvido são os índios. Todo mundo vai lá e fala em nome do índio, e o índio mesmo não tem lugar.

Então, os Deputados mandaram esta equipe até aqui para ouvir o que os senhores têm a dizer, para que nós possamos transmitir para eles. Nós seremos apenas portadores das palavras dos senhores. Então, desculpe-me, Rodinei, ter lhe feito este corte, mas era para situá-los exatamente de onde nós estamos.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Outra coisa que tem acontecido com bastante frequência, especialmente lá na FUNAI, é que pessoas de um lado e de outro vêm e dão opinião sobre como deveria ser a vida dos indígenas, a exploração das áreas, uma série de questões, mas o que realmente não sabemos, como disse o Fernando, é o seguinte: afinal de contas, e os indígenas? O que querem das suas terras? O que querem para as suas vidas? O que querem de suas gestões?

Eu mesmo estava discutindo com um profissional da FUNAI na semana passada e dei o exemplo de vocês como uma reserva onde há uma gestão que, ao que se sabe, é uma boa gestão. Os senhores exploram, os senhores plantam. E ele me disse o seguinte: *“Mas lá eles fazem o que os brancos querem que eles façam, que é plantar.”* Eu disse: *“Só um pouquinho, você perguntou para eles se são os brancos, os indígenas ou, afinal de contas, quem é que quer?”*





Eu atuo aqui na região de Erechim. Os senhores sabem, eu sou Procurador do Estado. A referência que eu tenho do Prefeito de Faxinalzinho, de outras pessoas da região, é de que os senhores têm uma administração aqui na reserva. O senhor é uma pessoa muito bem referenciada. E eu, agora, de modo oficial, agradeço a gentileza de o senhor se dispor tanto a nos receber como a conversar conosco.

Então, o que queremos saber, na verdade, e levar lá para a CPI é isto: como é que os senhores conseguem acertar a gestão? Por que há tanto problema nos outros lugares e aqui, afinal de contas, os senhores conseguem fazer uma administração em que não têm esse tipo de problema? O que acontece aqui? Por que aqui é diferente?

Este é o primeiro lugar que nós estamos visitando. Nós vamos visitar de 10 a 12 lugares no País inteiro. Vamos à Amazônia, à Bahia, ao Maranhão, Mato Grosso, para todos os lugares. E a primeira coisa que nós queremos é esta referência: afinal de contas, o que desejam os indígenas? Por que aqui funciona? Por que aqui as referências de exploração das áreas são boas? Qual é o segredo dos senhores? E se isso para os senhores significa estar cedendo ao movimento dos brancos ou é o que os senhores querem, realmente, fazer. Essa é a ideia.

Podem ficar tranquilos, já elogiando a administração da região. É isso que queremos ouvir. E, mais, queremos ouvir o seguinte: quais são os problemas que os senhores têm? O que falta? Onde é que está faltando a ação do Estado de um modo mais efetivo? O que faz falta para a comunidade, enfim, e que não está sendo discutido? Porque a discussão hoje se resume a demarcar ou não demarcar. Para nós, tem parecido que a discussão não pode se limitar a isso, porque é muito mais ampla. É isso.

A gente quer ouvi-lo agora, para dar continuidade a esta nossa conversa.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Primeiramente, quero agradecer a presença do Sr. Procurador. Para mim, é uma honra receber o senhor. O meu nome é Eliseu Garcia e sou cacique desta reserva. Eu agradeço a presença dos senhores. Sejam bem-vindos à nossa aldeia. A gente fica muito agradecido pela presença dos senhores.

Realmente, a nossa reserva tem sido um ponto de referência e exemplo para as outras aldeias. É isso o que hoje faz a gente feliz, porque a gente tem uma





equipe de liderança que é parceira. A gente trabalha numa união, visando todas as famílias da comunidade.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Explique para nós como é que funciona esta aldeia aqui. Como é que o senhor divide o trabalho, as funções? Como é que isso funcionou? Como é que foi criado isso aqui?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Na verdade, Votouro foi uma área de problemas, como o senhor sabe, mas a gente conseguiu fazer com que ela se tornasse hoje uma reserva tranquila. Eu sou um cacique novo, um piá, um guri, como eu digo sempre, e a gente está tentando trabalhar. Eu acho que é um começo daquilo que a gente tem por fazer ainda. O nosso trabalho, como liderança, eu vejo hoje, é visar a comunidade, é dizer para cada pai de família que a gente tem que viver em paz, dar as mãos e trabalhar em prol da comunidade, porque nós somos uma comunidade.

Foi isso o que a gente fez quando assumiu, há 2 anos, como cacique. A gente está aqui há 2 anos. É novo ainda. Mas é isso o que a gente vem tentando pregar para as famílias, que conflitos, brigas, essas coisas não dão camisa para ninguém. Nós temos é que dar as mãos e trabalhar.

A gente hoje está tentando buscar recursos junto à administração. Como o senhor falou, nós temos uma parceria muito grande com a administração, que também vem tentando ajudar dessa forma.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor se refere à administração municipal?

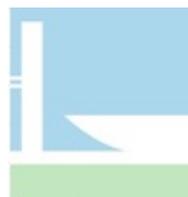
**O SR. ELISEU GARCIA** - À administração municipal.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Do Município de Faxinalzinho?

**O SR. ELISEU GARCIA** - De Benjamin. Nós pertencemos a Benjamin Constant do Sul.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A relação com o Município de Benjamin é boa?

**O SR. ELISEU GARCIA** - É tranquila. A gente não tem o que falar mal da administração, porque é a única administração que tem sido parceira da comunidade. É o que faz a gente trabalhar aqui dentro da comunidade. Então, eu acho que o uso da reserva, o trabalho... Hoje, no sul, as comunidades são as que





mais trabalham na agricultura, só que isso não é visto, porque a gente não tem, como o colono, o que comprove. Mas nós aqui somos agricultores indígenas. Nós somos agricultores indígenas. Às vezes, isso não aparece. O nosso trabalho aqui é conjunto, é um trabalho social. A gente pensa no geral, no todo. A gente tem uma associação. A gente acompanha o trabalho da associação, para que façam o plantio. Aqui nós plantamos feijão, milho, soja, mas isso é visando às famílias, num trabalho conjunto. É um trabalho social.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é a área total da reserva?

**O SR. ELISEU GARCIA** - O total da reserva parece-me que é de 3.030 hectares.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quantas pessoas vivem aqui?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Aqui nós somos mil pessoas ou mais, mais ou menos 300 pessoas.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Eu tenho uma curiosidade, cacique Eliseu: como é feita a escolha do cacique?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Na última escolha do cacique, aqui, foi feita uma eleição, que até o Ministério Público acompanhou. A Polícia Federal esteve presente para fazer essa eleição, devido aos conflitos. Depois, quando a gente assumiu, a gente acabou trazendo para a comunidade que isso não é da nossa cultura. Não é nosso costume fazer política dentro da comunidade, fazer eleição. Isso já vem de fora para dentro da reserva. E é isso que vem trazendo para as comunidades, muitas vezes, a briga. Isso divide o povo, divide a comunidade. A gente foi trazendo isso para a comunidade junto com os mais velhos, com os anciãos. Reunimos os anciãos, os jovens, os pais de família e colocamos na cabeça deles que esse tipo de eleição, de política, não é da nossa cultura. Nós kaingangs, nós indígenas não sabemos usar a política do branco. Eu sempre explico para as famílias que o branco faz política, que eles são adversários, mas que dali a uma semana terminou, passou a eleição, passou a política, terminaram os problemas. Com os kaingangs, não; com os indígenas, não. Nós ficamos anos e anos com aquela rivalidade.





**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Entre os kaingangs mesmo?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Entre os kaingangs. É isso o que leva muitos problemas às aldeias.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - E por que há os conflitos?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Há o conflito hoje quando o poder sobe à cabeça, quando a liderança bota na cabeça: *“Eu sou o cacique hoje!”* O poder sobe e ele acha que é o poderoso, ou está se beneficiando. Eu falo aqui para a minha comunidade que eu sou a liderança, mas nós temos um conselho com vinte e poucas pessoas, entre jovens, professores, pessoas mais idosas, o vice-cacique, um homem de cabeça branca que hoje está aqui presente também. Inclusive, a eleição foi feita com ele. Ele foi adversário na época da eleição. Se é outro cacique, ia dizer: *“Aquele lá foi contra mim. Nós fomos adversários. Ele fica no canto dele, com o grupo dele, e eu fico no meu canto, com o meu grupo”*. Mas a minha visão foi socializar todos. Nós somos uma comunidade. Nós não podemos viver divididos. Somos uma só comunidade e não podemos viver em dois grupos divididos. Nós temos que viver unidos. Então, foi por isso que a gente chamou aqueles que eram adversários para virem trabalhar. Fizemos uma forte liderança para trabalhar para a comunidade.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O senhor é o cacique, mas, naturalmente, pela sua fala, o senhor ouve o conselho?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Ouço o conselho, a maioria. A maioria vem aqui, discute o que tem que ser feito, o que tem que ser trabalhado numa comunidade. Por exemplo, nós temos uma lavoura, e esta liderança aqui vai decidir o que tem que ser feito com essa lavoura para a comunidade, porque ela é a representação. Não sou eu que, como cacique, por estar no poder, vou dizer que eu mando, que eu sei o que estou fazendo e o que eu fizer estará benfeito. Não, nós temos um grupo que tem que ser ouvido, para dar a destinação, porque, de repente, eu sozinho vou fazer coisa errada, mas tendo mais cabeças pensando juntas, mais ideias juntas, discutindo juntos, as coisas dão certo.





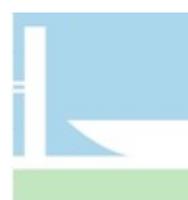
**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Eu vou brincar com o senhor: dizem que os kaingangs sempre foram um povo guerreiro. Vocês continuam muito guerreiros?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Muito guerreiros. Hoje, na questão dos nossos direitos, nós brigamos muito. Agora, claro que hoje tem mudado bastante. Buscamos nossos direitos, quando temos que reivindicar, mas nós temos que fazer o certo, não coisas erradas, e reivindicar, sim, nas coisas certas. Coisa errada a gente não...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Se o senhor me permite, cacique, eu já estou acompanhando há 30 anos as questões de reservas nessa região, e nós realmente vemos muito isso de que o senhor falou: um cacique assumir e excluir o outro grupo, o que acaba resultando em conflitos bastante graves, às vezes até com perda de vidas de pessoas. Nós acompanhamos isso ao longo dos anos. E o senhor tem outro método de gestão, com o envolvimento da comunidade e a formação desse conselho.

Especificamente em relação ao uso da terra, qual foi o sistema que vocês usaram? Eu pergunto, especificamente, como é que isso se dá. O plantio é da comunidade? O plantio é de cada família? O que cabe a cada família? O que cabe à comunidade? Como é que vocês organizaram isso, para nós conseguirmos explicar depois?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Nós temos uma associação, como eu já falei. Nós temos o nosso trabalho, com a liderança dos caciques — o Presidente também está aqui, o Presidente da comunidade, que é o Gilberto; o capitão está aqui também, o capitão da comunidade —, e o nosso objetivo, hoje, é, por exemplo, dividir a nossa reserva. Hoje, se formos dividir entre todas as famílias, não vai dar para todos, porque nós temos mais de 70% de área de mata nativa. O que nós produzimos se torna muito pouquinho. Nós plantamos, hoje, de soja — é um exemplo — 300 hectares. De soja plantamos 300 hectares. Desses 300 hectares, 50 hectares são para a manutenção de maquinário, porque nós temos um maquinário grande e temos muito gasto. Então, desses 300, 50 hectares são para a manutenção, e a gente, depois, vai sentar e discutir o lucro desses 50 hectares. O restante é dos familiares. Por exemplo, esse aqui tem 2 hectares, aquele lá tem 3 hectares, o outro tem 4 hectares, no máximo até 5 ou 6 hectares de soja. Nem todos têm, mas uma





boa parte tem. E não é o grupo da liderança, não. Se a gente pudesse fazer para todo mundo, a gente teria o bom coração de fazer um pedacinho para cada um. Hoje, eu tenho também, ali, 4 hectares. Não é porque eu sou cacique agora que eu vou ficar dono da reserva.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor tem a mesma quantia que as outras famílias?

**O SR. ELISEU GARCIA** - As famílias não podem ultrapassar 5 ou 6 hectares. É isso aí. O máximo tem que ser isso aí, para a gente tentar beneficiar a todos. Então, desses 300, 50 são para a manutenção de máquinas. Nesses 50, a gente bota lavoura coletiva, e depois a liderança vai discutir a destinação do lucro dessa lavoura, quanto vai ficar para a manutenção e o que vai ser feito com o restante. Isso é discutido com a equipe da liderança, com todos os conselheiros. O restante desses 50 é todo dos familiares, e é a associação... Nós temos uma associação, com um Presidente, e ele acompanha essa lavoura. Nós temos um pecuarista que vende o insumo para nós. Então, uma boa parte desse plantio a gente pega, por exemplo, para poder pagar na safra, lá adiante. Tudo fica anotado.

A associação faz assim: a lavoura desse aqui custa, hoje, em média, 1.500 por hectare — é a média que dá. Ele tem 3 hectares. A lavoura dele custou, em média, 1.500. É o custo da lavoura. No final, na colheita, só esse custo ele vai pagar. Ele paga esse custo. O restante do lucro que sobrou é da família. Não é dele. Nada é tirado para a associação, para a liderança. É da família. Então, na verdade, a associação, a liderança, ajuda essas famílias.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Garcia, pela fala do senhor, pelo que eu entendi, existe uma boa relação com a comunidade do Município, com os habitantes do Município que está em volta da reserva. O senhor mostrou que existe uma relação de troca de produtos do seu grupo com os comerciantes da cidade, que entregam os insumos.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Nós temos uma relação. Inclusive, esse pecuarista é de Faxinalzinho, um Município aqui próximo. Ele tem uma boa relação. Já há bastante tempo antes de mim que a liderança vem tendo essa boa relação. O pessoal de Faxinalzinho, o Prefeito, o Vice-Prefeito... Inclusive, foi ele que, nessa semana, me informou que os senhores iam estar presentes comigo. E a gente tem





uma boa relação com os colonos de Benjamin Constant do Sul. A gente tem uma boa relação com o Prefeito, uma parceria grande, que em outras comunidades não existe.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu gostaria de abordar duas coisas que me chamaram a atenção. Primeiro, a parceria que vocês têm com um agropecuarista. O senhor falou a respeito. Todas as comunidades com que nós temos falado têm se queixado da questão do financiamento do insumo, da semente, do defensivo, do combustível. Os senhores não têm esse tipo de problema de financiamento?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Não.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E como é que vocês resolveram isso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho que assim... Eu já sentei em reuniões de caciques, discutindo a questão do arrendamento, nas outras aldeias, nas outras comunidades. A gente já discutiu isso. E o que a gente ouve dos caciques é que às vezes eles têm esse tipo de coisa que a gente não tem. A gente não aceita esse tipo de coisa na nossa comunidade. A gente tem outro modo de trabalho. Eu fico pensando comigo: nossa comunidade planta 300 hectares; o pecuarista não vai querer deixar de negociar conosco. Nós temos 300 hectares e mesmo assim o pecuarista não quer deixar de negociar conosco. Ele sempre senta, tem de baixar o preço do insumo, coisa e tal, sempre negociando. É aquela relação boa. Então, eu imagino assim: como é que nas outras comunidades, que são maiores, um pecuarista não vai negociar com uma liderança, se envolve mais lucro para ele se vender mais? Eu acho que está faltando um pouco de... Às vezes, o cacique, a liderança, não fala a verdade. Eu acho que, se ele fosse atrás, sobraria pecuarista para trabalhar na comunidade. E as outras comunidades são maiores. Envolve muita terra.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Deixe-me ver se eu entendi. A queixa das outras reservas é que, como a terra é da União e o índio não poderia explorá-la de determinada forma, ele não consegue crédito no banco. E, aí, não consegue financiar o insumo, financiar a semente, financiar o adubo, financiar, enfim, o que for necessário para o plantio.





O senhor está me dizendo, então, que não tem problema nenhum nesse sentido? Ou seja, quem financia o senhor é o próprio agropecuarista? O senhor vai lá, combina com ele e, quando chega a safra, o senhor paga. É isso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Pago.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quer dizer, fica na confiança, na palavra. O senhor cumpre a sua parte, ele cumpre a dele.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Cumpre a dele. É isso.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E tudo funciona?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Tudo funciona. Já vem funcionando. E cada vez...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - E não entra dinheiro de banco, nem dinheiro de Governo, nada disso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Não. O único recurso que a gente está recebendo hoje é um recurso da Monel. Isso a FUNAI acompanha, o Ministério Público acompanha.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É recurso do quê?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Da Monel, da Usina Monjolinho.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ah! Sim.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Isso a FUNAI acompanha. Tem um — como é que se diz? — um comitê gestor que acompanha isso também.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É uma medida compensatória da usina? É isso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - É. Mas...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Também vem pela associação?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Pela associação. Mas negócio de banco, financiamento de banco, isso aí a gente não tem.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Mas os senhores sentem falta de ter um financiamento bancário igual aos outros agricultores familiares ou isso realmente não faz falta para esta comunidade?





**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho que ajudaria. Ajudaria, por exemplo, aquele agricultor indígena que vive da agricultura. Queira ou não queira, hoje — aqui na nossa comunidade eu não vou dizer —, nós temos agricultores indígenas, pequenos agricultores indígenas, agricultores familiares indígenas. Então, ajudaria muito um financiamento de crédito ao meu pequeno agricultor.

Se ele tivesse também um recurso ou um caminho, uma porta para ajudá-lo a ser um... Por que não ser um...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Ter uma atividade econômica que possa gerar mais dinheiro para o próprio grupo.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Daqui a pouco ele pode querer lá um aviário, querer melhorar alguma coisa, não é?

**O SR. ELISEU GARCIA** - É isso o que eu falei. Até vender leite, por exemplo. Para ter umas vaquinhas de leite, como é que eu vou fazer? Alguém vai me financiar? Esse acesso nós não temos, não é? Teve um indígena aqui que a gente incentivou bastante para que ele continuasse, porque dali ele estava tirando o sustento da família. Já tinha cinco vaquinhas e estava conseguindo vender leite. Mas a gente via a dificuldade que ele tinha por não ter acesso a um financiamento, a uma ajuda maior...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A um projeto específico para isso.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Um projeto específico.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Esta região tem vocação para o leite. É uma região que tem bastante criação de gado de leite, não é?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Tem.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A comunidade aqui, se tivesse uma criação pela associação, também funcionaria bem?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Funcionaria bem.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Existe aviário aqui dentro da reserva ou não?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Não.





**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Também funcionaria, ou não?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho que funcionaria, eu acho que funcionaria.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor comentou a respeito do arrendamento. Hoje, como funciona isso aqui? Há necessidade de arrendar ou os senhores exploram diretamente?

**O SR. ELISEU GARCIA** - A nossa reserva?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É.

**O SR. ELISEU GARCIA** - A nossa reserva hoje não tem necessidade. Ela não tem necessidade, até porque, na comunidade, nós não trabalhamos com esse tipo de coisa, não aceitamos isso. Se já temos um meio de trabalhar, de explorar a nossa terra, então nós mesmos vamos trabalhar em cima dela.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Isso em relação à terra que o senhor ocupa com o seu povo aqui.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Isso.

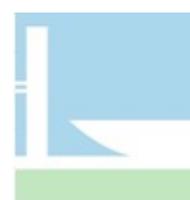
**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Mas, em relação aos outros grupos indígenas que têm terras arrendadas, qual é a opinião do senhor?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho o seguinte. Devido à falta de incentivo, porque alguns têm condições, mas, para outros falta incentivo, falta ajuda, então, até eu não deveria ser contra se o arrendamento beneficiasse o geral das famílias, só que hoje, pelo que a gente vê, tem famílias que não entram nesse arrendamento. Eu sou franco para dizer. Tem lideranças aqui que a gente sabe que têm 600 hectares de terra, enquanto outras não têm 1 hectare. Do outro lado, um tem 400, enquanto outro tem 2, aqui. Então, eu não sou contra que seja feito, mas que fosse discutido, que beneficiasse, que gerasse renda para as famílias, e que isso fosse feito num, como é que eu vou dizer...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - De uma forma clara!

**O SR. ELISEU GARCIA** - Às limpas, né?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - De uma forma clara, transparente.





**O SR. ELISEU GARCIA** - Transparente! Que houvesse uma transparência com a comunidade. Por exemplo: *“Pessoal, vamos dividir bem as terras porque o Dr. Fulano de Tal vai plantar para nós as terras”*. Mas que fosse feito de uma forma transparente, que não fosse como está acontecendo em outras reservas: eu, como cacique, me benefico muito e outros não ganham nada. Hoje essas terras têm condições de manter a sua comunidade, até no arrendamento elas podem ter, mas sabendo fazer a coisa certa. Que não seja beneficiado um grupo de cinco ou seis, mas que beneficie a todos de modo geral, a todas as famílias, como a gente faz aqui, em que cada um tenha um tanto de hectares, cada família tenha um tanto de hectares. Eu acho que dessa forma funcionaria para todos. Mas não é o que a gente vem acompanhando e tem visto.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Quer dizer, ele arrenda toda a área e fica com a maior parte dos recursos, e o resto do povo que se arrebenta.

**O SR. ELISEU GARCIA** - É, é...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - É mais ou menos isso.

**O SR. ELISEU GARCIA** - É, é mais ou menos isso que eu tenho visto. Inclusive, o meu avô, que é de Nonoai... Ele faleceu já, com 112 anos, o meu avô. Eu trouxe ele aqui na comunidade, ele ficou um tempo comigo, e ele morreu falando da terra de Nonoai, da terra que ele queria plantar. E o filho dele está lá, a família dele... Não é falar, mas hoje a gente vê que a família desse velho ancião está lá desamparada, não tem onde plantar, não tem um hectare de terra. Então, quando uma liderança dessas sobe lá no palco para dizer “a minha comunidade está bem, as famílias não são necessitadas, não necessitam de nada, porque o arrendamento é para mim, é para beneficiar a comunidade”, eu fico indignado porque eu tenho os meus parentes lá dentro e que não estão sendo beneficiados, não têm um hectare de terra. Então, de um modo eu sou a favor, num ponto eu sou a favor, mas que fosse transparente, que fossem beneficiadas todas as famílias, senão a nossa comunidade não aceita. Nós somos contra o arrendamento, contra o tipo de trabalho que às vezes é feito. Assim, vamos ficar aqui trabalhando na nossa terra, na nossa comunidade. Um exemplo: aquele lá não tem terra, mas a gente tenta ajudar. Vamos ajudar. Se tem uma administração, se está sobrando uma terrinha ali que dá para





limpar, vamos limpar; se der um hectare, já ajuda. É assim que a gente trabalha aqui. E eu não estou dizendo que vamos ter para todos, mas os outros a gente vai tentando ajudar, de um jeito ou de outro, sem desamparar, sempre acolhendo. Então esse é o nosso...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor me disse o seguinte: *“Olha, nós somos agricultores, nós queremos plantar, nós plantamos”*. O senhor disse agora que o seu avô morreu com 112 anos dizendo que queria plantar lá na terra dele. Lá em Brasília, a gente tem ouvido dizer que o indígena não é agricultor, que não tem que plantar a sua terra. Não sei como eles imaginam que os senhores iriam viver. O que o senhor diz dessa opinião? O indígena é agricultor? Quer ser agricultor? Como é que é isso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho que essa é uma discriminação, porque nós já fomos pequenos agricultores. Eu, por exemplo, eu me criei trabalhando na lavoura, plantando milho, plantando feijão, colhendo, mas eu não tinha como provar isso. Então, é por isso que a gente é discriminado muitas vezes, porque a gente não tem como provar que a gente é agricultor. Mas eu acho que aqui no sul, a maioria hoje é de pequenos agricultores. De repente, não tem condições de plantar um pedaço maior, grande, que nem um colono tem hoje, um fazendeiro, mas é agricultor, porque às vezes ele planta feijão. Nós aqui, por exemplo, somos agricultores. Plantamos feijão, milho, mas não temos como provar.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, o senhor sente falta de uma formalização dessa sua atividade, de o próprio produtor ter um reconhecimento qualquer como...

**O SR. ELISEU GARCIA** - O próprio produtor é o primeiro que comprovaria, mas também o colono tem acesso a outras coisas. O que o colono tem hoje e nós não podemos ter? Eu acho que dizer que nós somos indígenas, somos índios; dizer que nós não plantamos, eu acho ruim.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quem diz isso não conhece a realidade.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Não conhece a realidade. Tanto é que existem aqueles que não trabalham. Nós somos julgados, muitas vezes: *“Os índios não plantam, são vagabundos, são isso, são aquilo”*. Concordo, existem alguns assim,





mas existem também na parte branca. Não são todos, mas existe. Existe no meio de uma comunidade como existe também aquele que trabalha, mas a maioria é de trabalhadores. Hoje, a maioria, 70%, 80% dos nossos jovens trabalham em firmas. Então, eu não admito dizer que os meus jovens, os meus índios são vagabundos, que não plantam, que não trabalham. Hoje, eles não estão trabalhando na agricultura, mas eles conseguiram se encaixar numa firma e estão trabalhando.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E não deixam de ser índios.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Não deixam.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O senhor deve, nesse sentido, ter gente aqui da sua área estudando na cidade.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Hoje, a gente tem uma boa parte dos nossos indígenas estudando, eles têm essa oportunidade. Temos jovens, aqui, que estão fazendo Medicina, Direito, Odontologia, Enfermagem, uma boa parte dos nossos jovens aqui já está...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Como se deu esse acesso? Como eles conseguiram isso? Eles estão em que faculdade?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Hoje, nós temos a Faculdade do Rio Grande, para onde o pessoal vai; temos em Porto Alegre, Erechim. A maioria vai para Erechim. Cada um faz um tipo de curso.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - E eles voltam a trabalhar aqui?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Uns trabalham e mesmo assim estudam. E a gente tem o incentivo também da administração, do Município, volto a dizer, que pega e leva esses indígenas. No nosso Município, eu posso dizer que não tem aquela discriminação "*não, porque são índios, eu não vou levar*".

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O apoio que o senhor recebe do poder público é do Município? E a presença da FUNAI, aqui?

**O SR. ELISEU GARCIA** - A FUNAI, ultimamente, está meio distante, desaparecida. Eu acho que a FUNAI, por representar os indígenas, tinha que estar mais presente. Ela é o órgão que representa as comunidades, então, ela teria que estar presente, só que pelo que a gente está vendo o Governo está tentando se





distanciar. Eu queria voltar à questão de que nós, indígenas, nunca vamos deixar de ser índios, nunca vamos deixar de ser indígenas. É isso o que tem que ser respeitado, porque, quando a gente ouve lá de Brasília, lá de cima, que aqui no sul não tem mais índio, como não tem? *“Lá no sul não existem mais índios.”* Não! Nós somos indígenas, eu ainda falo a minha língua, eu tento manter minha cultura, só que eu uso a roupa que o branco está usando, mas sou indígena. Agora, dizer que eu não sou índio, que não sou mais índio! Eu acho que nunca nós vamos deixar de ser índios. Nós somos índios. É a mesma coisa dos senhores que estão aqui presentes, cada um tem uma origem, tem um alemão...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Eu tenho sangue de branco, tenho sangue de negro e tenho sangue de índio lá do Nordeste.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Então, as etnias que vieram para o Brasil nunca vão deixar de ser alemãs, nunca vão deixar de ser italianas, as de origem italiana, de origem tal. Estão no Brasil, mas nunca vão deixar de ser. Nós que somos do Brasil, natural do Brasil, nós vamos deixar de ser índios? Lógico que não! Nunca vamos deixar de ser índios, porque nós estamos aqui, somos índios. Por mais que nós estejamos num carro melhor, eu tenho um carro melhor, um carro bom, entrei numa faculdade, mas aqui dentro eu sou índio, eu sou indígena, carrego o sangue indígena, de índio.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - É que existe um discurso hoje, eu não sei se ele chega até aqui, lá no Norte já houve casos desses, de dizerem: *“Não, eu não vou torcer pela seleção brasileira, eu vou torcer pela seleção dos índios, não sou brasileiro”*. É algo que me causa espanto, porque todos nós nascemos neste País, mas tem gente fazendo essa pregação de querer separar, de querer segregar, de querer colocar o índio numa posição inferior, e de gente que diz defender os índios.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Essa é uma pergunta interessante, sei que é uma bobagem, mas a gente tem que fazer, porque realmente aparece lá: você se considera um brasileiro?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Brasileiro.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Apenas de origem indígena.





**O SR. ELISEU GARCIA** - Apenas de origem kaingang.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas de origem kaingang.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Índio kaingang.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Com orgulho de ser kaingang.

**O SR. ELISEU GARCIA** - O orgulho nosso é de ser índio kaingang.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Outra pergunta, até em continuidade ao que já foi falado, quanto a essa questão das políticas públicas, o senhor diz que a FUNAI é ausente aqui. Para o senhor não faz muita diferença a FUNAI?

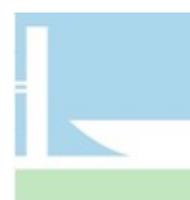
**O SR. ELISEU GARCIA** - É, hoje ela está ficando cada vez mais distante.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E, ao contrário, o senhor diz que o Município é presente, que tem um bom relacionamento. Uma pergunta que lhe faço: o senhor acha que as políticas relacionadas aos indígenas deveriam ser administradas pelo Município e não pela FUNAI ou pela União? É isso que eu consegui entender? O senhor acha que é mais fácil lidar com o Município?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho que cada um tem o seu dever, tem o seu compromisso. Eu acho que o Município teria que fazer a sua parte, o Estado fazer a sua parte e a União fazer a sua parte. Eu acho que o Estado tem deixado a desejar; a União hoje, com a FUNAI, um órgão federal, tem deixado e jogado muito mais para o Município. Graças, aqui, nós temos um parceiro hoje, porque muitas aldeias não têm. Na verdade, como vocês podem ver, aqui é o único Município que é parceiro da comunidade, porque outros Municípios que têm aldeias indígenas não dão o atendimento que nós temos. Então, acho que o Estado deve fazer a sua parte, e a União, a FUNAI, como órgão federal, a SESAI, hoje, na saúde, representando os índios... Cada um tem que fazer a sua parte.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Especificamente sobre a SESAI, o serviço de atendimento à saúde indígena é bom?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Ela tem mudado muito, mudou bastante, mas ela deixa a desejar. A SESAI teria que atender muito melhor, porque hoje o nosso





Município atende muito melhor do que a SESAI, que teria um compromisso maior de atender à comunidade.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Se ao invés de a SESAI fosse o Município o responsável pela saúde, seria melhor? Seria melhor o Município ser o responsável por toda a saúde?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho que depende do Município. Se todos os Municípios atendessem como o nosso, eu acho que seria melhor, mas a maioria não atende. Jogam o compromisso para o Município, mas porque, de repente, ele tem um conflito com a reserva, então acaba não atendendo. Se todos os Municípios, se todos os administradores do Município atendessem como o nosso, eu acho que estaria bem melhor. Se o Município, com todos os recursos mandados para o Município, atendesse, eu acho que funcionaria, mas outros Municípios, em outras reservas, não atendem, porque têm uma divergência, têm, de repente, uma briga, uma disputa de terra, isso e aquilo. Isso atinge muito. Então, por causa disso, não atendem as comunidades.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Uma coisa que está me ocorrendo: os senhores aqui se organizam em um conselho, tentando evitar os conflitos e decidindo o estilo de vida de vocês. Será que as comunidades indígenas não tinham que decidir quem é que deveria fazer essa administração, se é o Município, se é a SESAI? Não seria a comunidade indígena que teria que decidir sobre quem tem que administrar a saúde, quem tem que administrar as coisas, as escolas?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho importante. Todas as decisões estão sendo feitas, mas muitas coisas têm sido decididas não com a comunidade, de acordo com o que a comunidade quer para si. Isso não tem sido seguido. Não tem sido ouvida a comunidade. Hoje, por exemplo, decidem lá em cima. É o caso da FUNAI. A FUNAI era presente, antigamente. Agora, decidiram lá em cima de distanciar a SESAI, a FUNAI da comunidade. Não sei que decisão foi essa, mas a comunidade não foi ouvida sobre o que seria melhor, não é? Simplesmente trouxeram aqui e apresentaram para a comunidade: *“De hoje em diante vai ser dessa forma”*. É como se estivessem botando goela abaixo. Você vai ter que comer, vai ter que engolir esse osso. Daqui pra frente vai ser assim. Eu acho que teria que





consultar as comunidades. Qualquer decisão, lá, que diz respeito à comunidade, tem que ser ouvida a comunidade.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Quando foi que a FUNAI se distanciou? Tem quantos anos isso? O senhor falou que a FUNAI era mais presente e que, de um tempo para cá, está mais ausente. Isso tem mais ou menos quanto tempo?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Olha, eu moro aqui há 20 e poucos anos e conheço tudo aqui. E eu acho que, desse tempo pra cá, a FUNAI começou a se distanciar, porque a gente tinha um escritório da FUNAI aqui dentro.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Esse escritório da FUNAI era onde?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Tinha um escritório da FUNAI aqui dentro e tinha um chefe, uma pessoa representando a FUNAI, que trabalhava aqui dentro e estava presente também atendendo os índios. Hoje está ali só o prédio. Tomaram uma decisão de extinguir ou deixar um ponto de referência, para que os índios, quando precisassem... Hoje temos aqui a CTL de Nonoai. Centralizaram um ponto. Quando os índios precisavam, iam lá nessa CTL. Então, eu fico pensando. Não sei qual era o pensamento deles nesse momento. Hoje, um exemplo, eu tenho condições de sair daqui para Nonoai. Eu tenho dinheiro. Passa um ônibus aí e eu tenho dinheiro pra ir lá, fazer um documento, por exemplo, da comunidade, mas esse aqui, de repente, não tem condições de ir. Então, ele fica. Esse outro também não tem condições de ir. É um exemplo que a gente está colocando. Então, pelo que a gente está vendo, está cada vez mais distante. Não sei se a forma é terminar com a FUNAI. Mas, pelo que a gente está vendo, a FUNAI está se distanciando cada vez mais. Os recursos que tínhamos para a agricultura hoje não existem. A gente vai procurar, na FUNAI, os projetos, mas ela não tem recurso, não tem dinheiro para ajudar em questões de recuperação de solo, por exemplo, para encaminhar um projeto para comprar um equipamento que ajude a comunidade. Hoje não existe.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Baseado no que o senhor está falando, antigamente a FUNAI fornecia recursos para o desenvolvimento da agricultura indígena?





**O SR. ELISEU GARCIA** - Antigamente, sim. Estão aqui os mais velhos, ela era muito mais presente.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O que a gente tem notado é que a FUNAI é muito presente em juízo. Ela atua bastante nos processos, atua bastante, principalmente, na parte de demarcação. Ou seja, quando tem qualquer pedido de demarcação de área nova, ampliação e tal, a FUNAI é muito presente e muito atuante.

O que o senhor pensa disso, de se ampliar a área e de que a FUNAI atue bastante na ampliação, mas não atue aqui dentro?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu acho que é o trabalho dela também, mas ela também teria que atuar nessas questões. Por exemplo, reivindicamos a reserva Votouro e ganhamos esta reserva aqui. A FUNAI estava presente. Agora, ela tem que estar presente também para dar um destino, para nos orientar no que nós vamos fazer, o que nós vamos plantar, no que a comunidade precisa. Ela teria que estar presente. Qual é o projeto que queremos implantar ali, o modo de trabalho... Eu acho que falta isso. Não apenas reivindicar, conquistar, ganhar essa terra e depois se distanciar, deixar o índio abandonado. Acho que teria que estar mais presente aqui, hoje, para perguntar: *“O que é que vocês querem fazer? Vamos fazer o quê? Vamos recuperar esse solo? Que projeto vamos implantar?”* Eu acho que falta isso. Teria que ficar mais presente.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ainda em relação às políticas, o senhor falou do Estado, que é ausente. O Estado, basicamente, seria responsável por escola e segurança, mas você sente falta da presença do Estado nessa parte, para que possa lhe auxiliar?

Nessa parte de segurança e nessa parte de escola, o que mais do Estado do Rio Grande do Sul você sente falta?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Na questão das escolas e também na segurança. Hoje a gente acha que também poderia ficar mais presente o Município, para sentar e discutir a questão da segurança. Hoje, a gente se sente sozinho. A gente tem uma lei diferente, uma lei diferenciada, mas também teria que ter o Estado para ajudar, porque hoje a gente vê, devido ao crescimento da comunidade e ao envolvimento com as cidades, que às vezes entra, de fora para dentro, aquilo que não era para





entrar. E é nisso que a gente sente falta de alguém. Hoje, a gente, de repente, precisa da brigada, por exemplo, e a brigada não pode atuar. *“Tem que ser a Federal, porque é índio.”* A gente se sente meio desamparado nessa questão.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Para você seria interessante se a brigada atuasse normalmente, como atua no Município? O cacique chama, e ela resolve o problema que houver aqui, a Polícia Civil...

**O SR. ELISEU GARCIA** - Porque tem uma, como é que eu vou dizer, a...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Uma lei?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Foi criado um... Como é que se diz? Me foge à memória, mas foi feito um documento que diz que, quando os indígenas precisarem, ela tem que estar presente. A gente vê, hoje, nas aldeias, entrando muitas coisas que não devem entrar, por exemplo, drogas, pessoas não indígenas e outras coisas que às vezes acontecem.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eles se aproveitam de aqui não haver polícia para abusar disso.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Se aproveitam para, de repente, influenciar aqui dentro. Então, nessa questão, a gente precisa: *“Vamos fazer uma investigação juntos. O que é que está acontecendo? Tem coisas erradas aí, estão entrando de onde?”*

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Teria que estar mais presente?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Mais presente.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Teria que atuar em conjunto com a comunidade, é isso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - A questão do banditismo, por exemplo. Acontece o problema lá fora, e as pessoas, às vezes, têm refúgio aqui dentro. Os próprios não indígenas tentam usar a reserva para caçar, para pescar, para andar aqui dentro armado, às vezes acontece de a pessoa andar armada e caçando. A gente não tem autonomia de prender essa pessoa porque ela está armada. Está armada, está caçando, mas a gente tem que ficar olhando a pessoa entrar e sair sem poder fazer nada. Então, também nessa parte, a gente sente falta de apoio quando a gente vê





esses crimes que acontecem. Às vezes, a gente precisa ter aonde recorrer e ter um respaldo.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Porque a impressão que dá é que os senhores querem o mesmo tratamento que a comunidade de Benjamin Constant tem, ou seja, deu problema lá, chama a polícia e atende. Deu problema aqui, o senhor chama a polícia e tem que atender. É isso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Ela também tem que estar presente para dar apoio para a liderança, porque eu não posso prender um branco aqui dentro, foragido às vezes, coisa que a polícia tem que fazer. É nessas questões que eu preciso de apoio. Com os meus índios aqui, por exemplo, eles respeitam a minha lei. Com esses daqui, se fizerem coisa errada, a minha polícia mesmo, a minha liderança é que vai conversar com ele. Se ele tiver que ser punido, vai ser punido, e ele respeita isso, mas para a pessoa que está armada, que não conhece a nossa lei, que não respeita a nossa lei, ele está aqui dentro caminhando, transitando ou se escondendo aqui dentro, e a gente não tem o que fazer. Por exemplo, furto e roubo que às vezes são trazidos de fora para dentro. A gente teria que ter respaldo da polícia, da segurança, que também tem que estar presente, porque, hoje, para cuidar dos índios, jogam tudo para a Polícia Federal.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E a parte de ensino do Estado, do ensino fundamental, como está isso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - O nosso Município hoje, nossa reserva, nessa questão, está se encaminhando bem. De uns tempos para cá, a gente começou a buscar os nossos direitos e está caminhando bem. Antigamente não era assim, mas hoje está encaminhando bem. Conseguimos implantar, na nossa comunidade, o ensino médio. Nós lutamos com os professores e com a comunidade, fomos atrás e conseguimos implantar o ensino médio aqui dentro da comunidade.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Os professores são todos da comunidade?

**O SR. ELISEU GARCIA** - No ensino médio, essa escola envolve algumas pessoas brancas. No momento, não são todos qualificados para exercer aquela função.





**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - E esses professores são pagos pelo Município?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Pelo Estado.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Pelo Estado do Rio Grande do Sul? O Governo do Estado que paga. É ensino médio.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Uma coisa que eu já vi em outras reservas é que se instala uma escola indígena, às vezes com professores de origem indígena, e essa administração local do ensino se dá de um modo mais frouxo do que seria no ensino normal nas comunidades brancas. E acaba que os indígenas não aprendem, estão já no 5º ou 6º ano e não estão alfabetizados, não sabem fazer as operações básicas. Vocês têm o cuidado para que o ensino do indígena também tenha qualidade?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu tenho cuidado muito dessa parte, até porque, hoje, nós temos mais pessoas já preparadas e que estão se preparando mais. Lá atrás... É claro que nós somos diferenciados, nós defendemos uma educação diferenciada, porque nós temos uma cultura diferente. A gente defende uma educação diferenciada. Aqui, na nossa comunidade, a gente exige mais qualificação, mas que a pessoa também saiba trabalhar com a cultura, com os costumes, e que esteja frequentando uma faculdade, fazendo um curso, como Pedagogia, que esteja se qualificando também.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Na escola, para as crianças, fala-se a língua kaingang?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Falam.

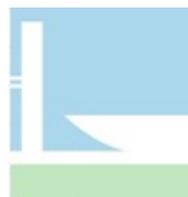
**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Falam?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Falam, sim. A gente encontra muitos. Tem professor que fala e ensina a escrita também.

**O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO** - Então, mantém bem a língua. Todo mundo aqui sabe falar o kaingang?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Não vou dizer que todo mundo, mas 80%, 90% falam a língua.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Aqui no Rio Grande do Sul — os senhores também sabem disso —, temos os CTGs, os Centros





de Tradições Gaúchas. Imagino que boa parte aqui também goste da tradição gaúcha.

Os senhores têm algum centro ou algum núcleo da cultura indígena?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Aqui na nossa comunidade, a gente está buscando isso. Eu creio que nós vamos conseguir. Queremos criar um centro cultural para mostrar para as nossas crianças, para a nossa comunidade que a gente trabalha a cultura, trabalha a dança, trabalha a fala, trabalha as comidas. Mas ainda não tem uma casa, um centro em que a gente possa receber visitantes. Não temos ainda isso. Mas estamos lutando atrás disso. Não sei de que forma vamos conseguir, mas a gente...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Esse seria um bom projeto para a FUNAI ajudar.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Seria um bom projeto. É isso que a gente...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso preservaria mais a cultura indígena do que outras coisas.

**O SR. ELISEU GARCIA** - É verdade.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É uma bela iniciativa.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Eu vi uma igreja evangélica. Qual é a religião predominante aqui?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Hoje nós temos a católica e a evangélica.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Elas se dão bem?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Elas se dão bem.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O senhor é evangélico ou católico?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Evangélico.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Evangélico. De que igreja?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Da Igreja Jardim de Deus. É uma igreja nova

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O pastor é daqui?

**O SR. ELISEU GARCIA** - É daqui, é indígena. Ele está presente.



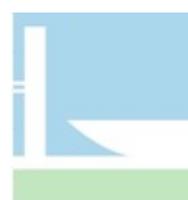


**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Onde ele está? Ah, está ali. Muito prazer.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sempre escutamos pessoas que vêm de fora dizendo que há coisas que interferem na cultura e que não deveriam fazer parte dela, como, por exemplo, a própria agricultura, as religiões. O que o senhor acha disso e como tem que ser administrada essa questão da interferência na cultura, da não cultura? O que o senhor acha disso?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Na agricultura, hoje a gente já não usa toda aquela caça, aquele peixe. Peixe já não existe mais; os peixes já se foram. Se não fizermos um açude para criar, não existirá mais peixe. Da caça a gente também tem que cuidar, tem que limitar. São poucas; não existem mais. As frutas ainda temos aqui na reserva, e a gente preserva as poucas. Mas hoje a comunidade não vai viver só de frutas, ou de caça, ou de peixe, ou da pesca. A gente aprendeu a comer também outros alimentos, o pão, a farinha, o feijão, o arroz. Devido à falta de caça, a gente aprendeu a comer também o frango, a carne suína, a carne bovina. Por exemplo, o meu vizinho aqui tem que plantar feijão, arroz, milho, para ele poder usufruir daquele alimento, o arroz, o milho, o azeite. Com o trabalho dele, ele vai acabar comprando também no mercado, porque já aprendeu a comer aquele alimento. Hoje nós temos na memória muitas coisas que nós gostamos, apresentamos, fizemos e comemos ainda, mas se a gente for viver só daquilo ali, já não existe mais. A folha com que a gente se alimenta, se a gente for viver daquilo ali, a gente vai morrer de fome, porque ela não existe mais. A fruta acabou, a caça e a pesca se foram. Então, eu acho que a pessoa dizer que não podemos ser agricultores... Mas, então, como vamos viver? Qual é o projeto de sustentação que o Governo, os governantes pensam e têm para esta comunidade? Dizer: *“Não, vocês não podem plantar”*? Vir aqui e dizer: *“Vocês não podem plantar, porque nós vamos sustentar vocês, vamos dar isso para vocês”*?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor acha que seria bom para a comunidade se a comunidade não trabalhasse mais e passasse a ser sustentada pelo Governo? *(Risos.)*





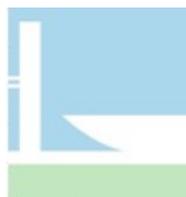
**O SR. ELISEU GARCIA** - Acho que isso aí não. Nós aqui, por exemplo, como eu falei no começo, aprendemos a vestir uma roupa, uma calça que o branco usa, que o não índio usa, um sapato. Então, isso eu acho que jamais, jamais. Nós somos trabalhadores. Nós temos que trabalhar. Para eu botar um chinelinho melhor, uma roupa melhor, eu tenho que trabalhar, eu tenho que plantar, eu tenho que arranjar um emprego, uma coisa ou outra. Hoje é assim. Nós somos indígenas, mas temos que trabalhar para nos sustentarmos, para sustentar a nossa família, sustentar nossos filhos.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tem um aspecto um pouco fora do nosso objeto — porque nós queremos mais é ouvi-lo —, mas eu só queria fazer um comentário de que este ano eu tive a oportunidade de passar...

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eu quero falar ainda sobre a cultura, a Igreja Católica e a Evangélica, que o senhor perguntou.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O.k. Então, fala.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Então, é assim, com essas religiões... Nós tínhamos a nossa religião. Na nossa religião, a gente já acreditava em Deus. O povo kaingang era o povo que mais acreditava em Deus, porque, lá no passado, nós tínhamos os nossos pajés, que eram os nossos médicos, que usavam todos os tipos de remédio. Ele era o doutor, e ele já usava falar com Deus, com Tupé. Tupé é o Deus nosso. Então, ele usava a mata, usava os remédios do mato e ele já falava. Essa crença que nós temos hoje também ajuda a comunidade, porque hoje vemos como têm atingido as comunidades indígenas essas questões de alcoolismo, de tabaco, cigarros, outras coisas, drogas, que já vêm envolvendo a comunidade. A comunidade fugiu um pouco da cultura e isso acabou entrando no nosso meio e nos influenciando. Então, hoje eu tenho, sozinho, sem conselho de ninguém, eu tenho que acabar tirando aquela pessoa, aquela família, do alcoolismo, do mal. Mas, de repente, o pastor evangélico vai lá e consegue tirar, como já tem tirado muitos do alcoolismo, muitas pessoas viciadas, que estavam se ocupando somente com o álcool, não tinham... Posso dizer que estavam no fundo do poço. Mas hoje eles conseguiram recuperar sua credibilidade na comunidade. Algumas lideranças, por exemplo, que estão aqui comigo hoje, saíram daquela vida de viver só com a cachaça. E hoje são livres, evangélicos, mantêm a cultura. Então, eu acho que isso





ajuda a liderança por esse lado. E acreditamos no mesmo Deus, ainda no mesmo Tupé em que os pajés acreditavam naquela época. Ele falava com Deus quando ia ao mato tirar uma folha, uma casca para um remédio. Ele já falava com aquela árvore e dizia ao Papai do Céu que, se usasse aquele remédio, faria efeito. Então, baseado nisso, nós acreditamos ainda em Tupã, que é o Deus do católico e do evangélico. Então, a gente apoia muito isso, porque dá muita assistência para as famílias. Até mesmo ajuda a liderança a pregar a união, a pregar o amor, porque a gente prega muito isso. A gente prega a união. Brigas não, conflitos não. Vamos nos amar, vamos nos dar as mãos, vamos nos abraçar. Briga e conflito não dão resultados para ninguém. Tanto é que, há alguns anos, a gente era malvista. A comunidade aqui era malvista. A comunidade também foi de muitos conflitos. Nós hoje pregamos isto: a união, o amor. Vamos nos abraçar, vamos nos perdoar por tudo o que aconteceu, vamos nos dar as mãos, vamos nos abraçar e trabalhar todos juntos, unidos. É o nosso costume, a nossa cultura de viver unidos sempre. Então, é isso o que a gente quer e acabou apoiando e acatando.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu vou me permitir também falar de um assunto desagradável. Não é para estragar a nossa conversa, que está muito boa, mas é que queremos entender o que vocês pensam a esse respeito também. Nós sabemos que próximo daqui, lindeiro, há um conflito por ampliação e demarcação, que acabou gerando conflitos bem graves aqui nesta região. Como é que começou isso? Como é que começaram esses conflitos? Esse grupo é daqui de dentro? Não está mais aqui dentro esse grupo que está reivindicando a outra área indígena? Como é que isso começou, para nós entendermos?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Quando a gente assumiu, existe o grupo... Acho que o senhor se refere ao grupo de Faxinalzinho aqui. Há alguns parentes nossos aqui também que estão lá reivindicando. Há outras aldeias, quando se forma isso, que se ajuntam — várias famílias, vários grupos de todas as reservas. Então, começou por isso aí. As pessoas saíam da reserva.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas eles saiam daqui por quê?





**O SR. ELISEU GARCIA** - Esse grupo a gente não sabe o que cometeu, porque não é do nosso tempo. Na época dos caciques, a gente não sabe se eles desrespeitaram, se acabaram desrespeitando, não obedecendo a algumas leis. Pode ser isso ou de repente pensaram em reivindicar uma terra para si, tomar uma aldeia para si. Também surge isso: *“Em tal lugar, nós temos uma terra que pertenceu aos nossos antepassados. Vamos formar um grupo aqui. Pegue duas, três famílias do Votouro, duas, três famílias do Nonoai, e vamos reivindicar aquela terra”*. Também surge isso. Então, eu não sei explicar se surgiu isso, se é isso o que surgiu, ou se de repente desobedeceram a algumas leis, foram rebeldes, porque isso também surge nas comunidades. Surge nas comunidades às vezes quando surge uma rebeldia. A liderança também não pode estar sofrendo ali, enquanto a maioria está respeitando as leis. Essa maioria está respeitando essas leis internas, e essa pessoa, essa família não convive, não respeita. Então, surge também isso. Não sei te explicar se foi isso o que aconteceu ou se foi por boa vontade de reivindicar uma nova terra, porque isso acontece também. Então, é isso o que a gente quer deixar claro.

**O SR. ALÍPIO LOPES** - Cacique, não cortando a sua palavra, sabe por que acontece isso de eu sair aqui e ir àquele grupo? Sabe por quê? Porque eu não tenho onde plantar algum pé de produto. Sabe por quê? Acontece isso porque uma minoria é dona de tudo naquela terra ali. Daí eu não tenho onde plantar.

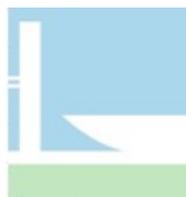
**O SR. ELISEU GARCIA** - Naquela época, né?

**O SR. ALÍPIO LOPES** - Naquela época.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Eles estão lá há 12, 13 anos.

**O SR. ALÍPIO LOPES** - Tem pessoas que faz 14 anos que estão ali. Acontecia isso, em vários lugares está acontecendo. A minoria ali é dona de tudo: *“Eu vou dar um pedaço para esse aqui, porque eu quero ser o..”*.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quer dizer, o problema que vocês tinham antes aqui, ou talvez tivessem, de ter um que mandava em tudo vocês resolveram. Resolveram trabalhando em comunidade e por conselho. Onde não há isso e um só domina é que acontece de a pessoa não ter o espaço para plantar.





**O SR. ALÍPIO LOPES** - Sim, não tem espaço para plantar um pé de milho, um pé de feijão. Daí o que acontece? Ele sai de lá e vem nesse grupo, para amanhã ou depois, às vezes, conseguir um pedaço de terra ali para plantar.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Quer dizer, o cacique e os amigos dele do grupo ficam donos de tudo e o resto da comunidade fica jogado?

**O SR. ALÍPIO LOPES** - Eu participei de muitas reuniões fora, né? Um dia eu tinha que jogar na cara de um cacique...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Desculpe-me, como é seu nome, por favor?

**O SR. ALÍPIO LOPES** - Alípio Lopes. Eu joguei na cara do cacique, porque ele estava se exaltando lá para mim, né? E é uma coisa que eu não gosto. Eu disse: *“Lá na minha aldeia não acontece isso, porque lá o que nós ganhamos nós repartimos em fatia”*. Ele estava se exaltando, exaltando o filho dele para mim: *“Meu filho faz isso, faz aquilo, eles têm isso!”*. Aí eu disse para ele: *“Mas tu está perdendo o seu povo lá, porque tu abrangeu tudo sozinho. Em vez de deixar algum pedaço para o teu filho, para o teu parente lá, você tomou conta”*. No outro dia, o cara não apareceu mais na reunião, porque eu joguei isso na cara. E não pode acontecer isso em nosso meio. Depois que nós demos as mãos com esse cacique, as coisas todas mudaram. Mudaram. Eu não digo em geral, mas, digamos assim, a gente vai ajeitando. É isso o que está acontecendo aqui.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E vocês, com essa gestão aqui, que é evidentemente bem melhor, não têm recebido muita gente que quer vir para cá?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Recebemos bastante. Inclusive pessoas que foram embora. Saíram da terra Votouro e hoje voltaram a morar com a gente.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E gente de outras reservas não quer vir morar aqui?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Bastante.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o senhor recebe?





**O SR. ELISEU GARCIA** - A gente recebe, né? A gente gostaria de ajudar todo mundo e receber. A gente recebe de bom coração, mas a gente tem aquela dificuldade de pensar onde eles vão se abrigar, vão morar. A terra é minha, a terra é nossa, é de todos nós, de todos os caingangues, indígenas que vêm morar aqui. A gente recebe, vamos colocar. A gente já vem de uma cultura de que lideranças lá do passado acolhiam, acolhiam essa família, porque nós temos parentes. Pode ser de outra comunidade, mas, pela nossa marca, a gente acaba se respeitando e acaba acolhendo. Então, mesmo os antigos que chamavam aquela pessoa que vinha morar, eles diziam para ela: *“Aqui tem uma água boa, faça teu fogo aqui, acolha aqui sua família”*. Então, a gente acaba ouvindo essas histórias, guardou na mente e é o que a gente trabalha: agregar todo mundo e acolher. A gente só não acolhe, não consente com as pessoas que de repente desrespeitam a sua liderança, aprontam, fazem arte, fazem folia nas outras comunidades e vêm para cá querer morar aqui numa reserva. Então, isso a gente acaba não aceitando. Mas a pessoa que vem por bom senso a gente acaba recebendo, sim. O senhor me permite falar um pouco com esse pessoal?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Claro, eu estou na sua casa. O senhor é que me permite.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Vou falar um pouco para o pessoal.

**O SR. ALÍPIO LOPES** - Fica furioso.

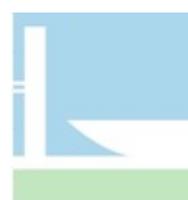
**O SR. ELISEU GARCIA**- Fica furioso às vezes, mas a gente já tinha marcado com o doutor...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Rodinei.

**O SR. ELISEU GARCIA** - ... Rodinei. A visita dele aqui na comunidade não é porque a polícia vai vir prender a gente. *(Risos.)* Eles não vieram aqui para prender.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Sabe o que é? Meteram tanto medo na gente que a polícia veio para defender a gente, não foi para prender ninguém. *(Risos.)*

**O SR. ELISEU GARCIA** - Não. Mas são bem-vindos! Quando quiserem visitar nossa comunidade aqui, são bem-vindos. E o pessoal que está presente aí. A gente está aqui com o doutor, deram um convite. Veio, tiramos a experiência. *(Exposição em caingangue.)* Então, nós estamos de parabéns. A nossa comunidade está de





parabéns. É aquilo que eu prego para vocês sempre, não é pessoal? Que vocês ajudem a gente a aconselhar os filhos, a aconselhar as crianças, os jovens, para que olhem para frente cada pai, cada mãe de família, que se abracem cada vez mais. Nós somos todos sofredores. Nós somos uma comunidade sofredora. Sofremos todos juntos. Então, não merecemos estar brigando, estar nos dividindo, às vezes com coisa que não leva a nada. A melhor coisa é nós estarmos ouvindo aqui, recebendo o Procurador, que veio tirar mais experiência, fazer pergunta sobre por que está dando certo na nossa reserva. E é isso que nós temos que levar para as nossas famílias, no dia a dia, para que nós venhamos a viver todos juntos em paz. E aqui o pessoal é testemunha disso, do que está acontecendo na comunidade. Isso nos orgulha, a nós, como liderança, e orgulha cada pai de família, vocês que estão aqui. Eu quero agradecer a vocês aqui. Não é nada de mau. Nós estamos de parabéns na nossa comunidade.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu queria dizer o seguinte: muitas pessoas não me conhecem e às vezes fazem um juízo errado, porque eu estou lá no processo.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Você era de?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu sou Procurador do Estado do Rio Grande do Sul.

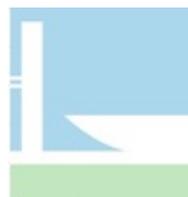
**O SR. ELISEU GARCIA** - O senhor está trabalhando...

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Agora eu estou em Brasília.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Está em Brasília.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Uma coisa que eu quero deixar claro para vocês é o seguinte: eu sou funcionário público, gosto muito do que faço e tenho para mim muito claro que eu sou empregado dos senhores, assim como eu sou empregado de todas as pessoas que pagam meu salário.

Eu tenho certeza de que os meus colegas que estão aqui, que vieram lá de Brasília para conhecê-los, para levar essa experiência, também pensam assim. Nós ganhamos o nosso salário, nós fizemos o nosso concurso, nós não devemos favor a





ninguém. Nós fizemos nosso concurso para que trabalhemos para o bem dos brasileiros, sem exceção, e, portanto, dos senhores também.

Então, nessa visita aqui, nós agradecemos enormemente a gentileza de vocês de passar essa experiência para que possamos levá-la. Isso está tudo registrado. E nós vamos levar isso para Brasília, vai constar no relatório, e agradeço enormemente. Nós estamos muito felizes pela acolhida.

Vocês estão de parabéns pela gestão que têm feito. O cacique está de parabéns. Que isso sirva de exemplo para todas as comunidades indígenas, porque nós já vimos que os problemas que tem havido nascem dentro da reserva. Então, se a reserva resolver os seus problemas, dificilmente fora vai haver problema.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Mas a gente falou sobre a questão da política interna e não terminou. Como a gente falou, teve uma eleição para escolher o representante. Mas, quando a gente assumiu isso, a gente viu que era um caminho errado, que esse caminho estava dividindo o povo, dividindo as famílias que viviam na comunidade. Então, a gente acabou sentando com a comunidade, sentando com a liderança e determinando, botando em documento que isso não vai existir mais, enquanto a gente for liderança. De repente, quando a gente não for mais, pode acontecer. Mas, enquanto tiver esse conselho, essas famílias em conjunto, pensando nisso, a gente não quer mais que aconteça isso.

**O SR. ALÍPIO LOPES** - O que vai existir é um consenso, não é, cacique? Se ver que tu vai cansar, a equipe da liderança que vai escolher, que vai representar.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O próprio Conselho é que escolhe daí o líder, é isso?

**O SR. ALÍPIO LOPES** - Hã, hã!

**O SR. ELISEU GARCIA** - Mas ele botou em documento que é escolha.

**O SR. ALÍPIO LOPES** - Um documento que eu creio que está no Ministério Público.

**O SR. ELISEU GARCIA** - A gente não vai ficar para a vida toda liderando. Ninguém nunca ficou liderando a vida toda, mas quando eu entregar — não é? —, que a comunidade aceite esta decisão dos conselheiros, dos anciões, dos mais velhos, vindo junto escolher os professores indígenas, os próprios pastores indígenas, que também ajudam a decidir decerto na escolha. E que essa pessoa





que fora escolhida continue um caminho, continue no mesmo trabalho, no mesmo ritmo que a gente vem trabalhando, para trabalharmos em conjunto, unidos, abraçados. É isso que a gente acabou acatando, porque a política interna nossa, ela vinha trazendo muita divisão. De repente, a gente acaba levando, misturando a política branca junto. Claro que envolve, também, a política de fora, a política do branco não-indígena, não é? Acaba influenciando dentro também da reserva, para, de repente, tirar um proveito da comunidade. Hoje, nas comunidades, cada um tem seu título, são eleitores. Então, isso acaba, também, com uma ideia vinda do próprio não indígena, a política influenciando diretamente aqui dentro, convencendo alguém aqui dentro para fazer uma política para se aproveitar disso. Então, a gente acabou tendo essa visão. E está dando certo. E a gente não pode, por causa da política do não indígena, de partidos políticos, acabar se dividindo aqui dentro. Vamos ficar unidos, porque unidos nós somos fortes; unidos, nós conseguimos avançar; unidos, nós conseguimos alcançar nossos objetivos, nossos projetos. Mas, se nós estivermos desunidos, a comunidade estiver desunida, em dois ou três grupos, aí a liderança não tem... A comunidade, as famílias sofrem, porque a liderança não tem como trabalhar, não é? Não tem como buscar projeto, não tem como trabalhar. Então, isso acaba prejudicando todos. A gente acabou mostrando isso para o povo da comunidade. E, graças a Deus, a gente está aí trabalhando. Deu certo. Tenho certeza de que vai dar certo.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - O senhor falou que a atividade, vamos dizer assim, que sustenta a comunidade é, basicamente, a atividade agrícola: cultura de feijão, soja,...

**O SR. ELISEU GARCIA** - Milho...

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - ... milho, principalmente.

**O SR. ELISEU GARCIA** - ... mandioca, batata — outras culturas.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Certo. E falou, também, de muitos jovens — se eu não me engano, cerca de 80% — que trabalham na cidade.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Certo.





**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Então, na verdade, para a comunidade, nós temos duas fontes de recursos, seja do povo que trabalha na cidade, seja da atividade agrícola que é feita aqui, não é?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Uma outra coisa: nós temos, além disso, o artesanato, não é? O artesanato é trabalhado, e a gente tem essa cultura aí. E também, por causa disso, a gente sofre bastante para nossos indígenas venderem seu artesanato. Eu posso dizer que a maioria dos indígenas aqui vive da agricultura e vive, também, do artesanato. Fabrica o artesanato, prepara ele e sai vendendo. Isso, também, é uma fonte de renda.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Também é uma fonte de renda. Essa venda é feita onde?

**O SR. ELISEU GARCIA** - Ela é feita em várias cidades e em capitais que as famílias acabam escolhendo.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Mas é o índio que vai lá vender ou é...

**O SR. ELISEU GARCIA** - É o índio, é o índio.

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - É o próprio índio que vai vender?

**O SR. ELISEU GARCIA** - É o próprio índio. Está bem?

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está ótimo.

**O SR. ELISEU GARCIA** - Só quero uma foto, pelo menos!

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu também gostaria de tirar uma foto. É claro que não cabe todo mundo, mas quem...

**O SR. ELISEU GARCIA** - Quem tem o equipamento aí?

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Cadê o nosso fotógrafo? Ele está com uma máquina que eu acho que é profissional.

**O SR. COORDENADOR** (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Cacique, também gostaria de falar "bom-dia" na língua caingangue. Como é?

**O SR. ELISEU GARCIA** - *(Intervenção em caingangue. Risos.)*

**O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA** - Eu vou ter que enrolar a língua. *(Risos.)*

*(Intervenções simultâneas ininteligíveis.)*

